



Philip Glass: selecionando cantores líricos em São Paulo

Édipo, agora em ópera de Glass

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Num dos intervalos do teste de seleção dos oito cantores líricos para integrar a montagem brasileira da ópera *Akhnaten*, o seu autor, o compositor norte-americano Philip Glass, ensaiou em português uma conversa com os jornalistas presentes, dando provas de que os seus estudos da língua, iniciados há cinco meses em Nova Iorque com uma professora brasileira, já apresentam bons resultados. Mas sem exageros: depois dos primeiros minutos de entrevista, no auditório do Teatro Copan, no centro de São Paulo, a cenógrafa Daniela Thomas, ex-mulher de Gerald Thomas, diretor da ópera, interveio com alguma delicadeza: "Vamos prosseguir em inglês mesmo... é mais rápido."

Motivos não faltam para justificar tanta pressa. Afinal, a ópera *Akhnaten*, sobre um faraó que tentou implantar o monoteísmo na religião egípcia entre 1385 e 1357 A.C., tendo influenciado a civilização judaico-cristã, estréia no dia 9 de julho no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Antes mesmo, no dia 5 de abril, a aguardada *Trilogia Kafka*, livre adaptação de *Metamorfose*, *O Processo* e *Praga*, feita por Gerald Thomas, com composições de Glass, entra em cartaz no Teatro Castro Mendes, em Campinas.

Em meados deste ano, o compositor da trilha de *Koyaanisqatsi* também assina a partitura em outras duas estréias: a ópera *The making of the representative for planet 8*, com libreto da escritora Doris Lessing, na Houst Grand Opera, e o musical de ficção *1.000 airplanes on the roof*, escrito por Henry Rwang, no Aeroporto Internacional de Viena. Até lá, Glass espera ainda ter tempo para cumprir o objetivo a que se propôs: "Melhorar o português no período da estréia de *Akhnaten* no Brasil".

"Com a colaboração de Philip Glass vamos elevar o palco brasileiro à mesma categoria do que já está acontecendo no resto do mundo", disse Gerald Thomas. "Vocês têm a rara oportunidade de estar diante de um compositor do mesmo nível de um Mozart, ele é o autor da *New opera*, exagerou Daniela Thomas, sonhando desde já com um cenário vertical em mutação com as variações da iluminação. O compositor norte-americano, por sua vez, não poupou elogios aos Thomas. Quando indagado sobre a razão da montagem da ópera no Bra-

sil, disse apenas: "porque depois de ter assistido a *Eletra com Creta*, decidi que só eles poderiam dar a interpretação que desejava à montagem. Além disso, temos o mesmo senso estético".

Para Gerald Thomas, a *Akhnaten*, que já teve outras três versões, chamará a atenção de novos espectadores para o gênero lírico no Brasil. Do ponto de vista mercadológico, Yacoff Sarkovas, diretor da *Artcultura*", empresa que vem realizando com exclusividade os trabalhos de Gerald Thomas no Brasil, não vê com o que se preocupar: "Não acho que a ópera de hoje tenha um público restrito. Eu a encaro como um evento de *show business* da mesma força de um Sting ou de uma Madonna."

Com *Akhnaten*, Philip Glass concluiu a trilogia sobre "personagens que mudaram o mundo pelas suas idéias". Esse trabalho começou em 1975, com *Einstein on the beach*, em parceria com o encenador teatral Bob Wilson. A segunda obra foi *Satyagraha*, baseada na vida de Mahatma Gandhi. Mas *Akhnaten* é sem dúvida a sua favorita: ela surgiu de um entusiasmo pela leitura de uma tese de Veliskovsky, onde se desenvolve a idéia de que o mito de Édipo tenha si-

do inspirado na história desse faraó da 18ª dinastia do Antigo Egito que perseguia um Deus universal, além das fronteiras locais.

Devido à singularidade dos seus timbres, os dois papéis centrais já estão ocupados pelos ingleses Paul Esswood (contratenor) e Sally Burgess (mezzosoprano). O maestro Michel Riesman, que irá reger os 42 músicos da Orquestra Sinfônica de São Paulo que participarão da ópera, espera definir o elenco brasileiro até o final da semana. Apesar da empolgação com a ópera e com a trilogia kaskanian, Philip Glass não hesita em declarar a sua preferência: "Gosto de compor para teatro porque através dele sempre aconteceram grandes revoluções musicais, como a de Wagner. Mas não há nada comparável ao prazer de colocar a música no mesmo nível da imagem, como pude fazer em *Koyaanisqatsi* e recentemente em *Powaqqatsi*, o segundo filme da trilogia sobre o apocalipse do diretor e ex-pai Godfrey Reggio. É que enquanto houver a palavra, a música tem de ficar ao fundo. Sem ela, a imagem e a música se igualam — uma maravilha".

Com *Akhnaten*,
Philip Glass
conclui sua
trilogia sobre
homens que
mudaram o mundo
com suas idéias